

A CIDADE MODERNA NA VISÃO DE ROBERTO ARLT

BRUNO CRUZ SANTANA

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Recebido em: 17 de maio de 2017

Aceito em: 13 de junho de 2017

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as visões da cidade moderna que se desdobram nas crônicas e nos contos de Roberto Arlt, produzidos entre os anos 1920 e 1930. Nestes textos está em foco a cidade de Buenos Aires, num período de intensas transformações políticas, econômicas e sociais provocadas pelos processos de modernização. O estudo das imagens deste novo espaço significa pensar as vanguardas latino-americanas como movimento artístico, embora heterogêneo, definido desde um lugar-comum, a cidade moderna. Para isso, este estudo focalizará a relação entre crônica e conto, indicadora de uma mescla discursiva moderna que responde aos processos de modernização nos centros urbanos e de legitimação da literatura. A partir disto, voltamos à pergunta sobre a escrita literária no exercício de uma escrita híbrida e flexível que é a crônica moderna, especialmente, o importante papel da crônica na observação das novas experiências urbanas, num processo onde literatura e jornal se inter-relacionam na tentativa de representar a cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade; Roberto Arlt; Buenos Aires; crônica; conto.

A formação cultural de Roberto Arlt na condição de filho de imigrantes, de mãe italiana e pai polonês, reflete as mudanças pelas quais passava a cidade de Buenos Aires no início do século XX. Na capital da centenária república argentina, a educação pública está popularizada devido aos consolidados projetos de educação. A escolarização compulsória "imponía las condiciones y reglas de 'argentinización' de los hijos de inmigrantes" (SARLO, 1997, p. 15). De um lado os núcleos elitizados que exercem poder no campo cultural, normalmente ligados à classe política e econômica dominante e fechados em academias, sociedades cultas, universidades e tertúlias, se mostram desfavoráveis à inclusão do estrangeiro na indefinida cultura nacional, do outro lado, na mentalidade dos pais imigrantes, a escola pública é vista como via de integração e de ascensão social. Assim, imigrantes e uma iminente classe média conformam uma população de maioria alfabetizada que passa a fazer parte de um crescente público leitor e consumidor do que fosse publicado através da imprensa e das editoras. Bem como nos bairros do subúrbio se organizam bibliotecas populares organizadas por agrupações político-culturais de estrangeiros.

Tão acelerado quanto o progresso técnico e material da cidade, a ascensão, o reconhecimento e o auge de Arlt como uma notória figura pública na condição de cronista do diário *El Mundo* e romancista sucedem basicamente no decorrer de uma década, a década de 1920. Antes de ingressar na profissão de jornalista, Arlt exerce ofícios variados, foi ajudante de livraria, pintor, mecânico, entre outros. Segundo Saítta, sua obstinação pessoal em ser um escritor vai muito além de propriamente querer sê-lo. Movido por um desejo de ascensão social, quer escapar ao destino que condena aos que assim como ele são de origem pobre, quer dizer, abandonar o anonimato e a submissão a um sistema explorador de trabalho. Assim, nessa tentativa de fuga ele termina por submeter-se a outro regime não menos explorador de trabalho, o ofício na imprensa, que, no entanto, lhe dá notoriedade como escritor. Esse argentino pobre legitima seu lugar na sociedade como cronista, como ele mesmo

afirma no prólogo ao romance *Los lanzallamas* (1931): “ganarse la vida escribiendo en un diario es penoso y rudo” (ARLT, 1931 apud SAÍTTA, 1995, p. 57).

Ao mesmo tempo que é resultado dos processos de popularização dos bens simbólicos pela alfabetização em massa e a maior acessibilidade à cultura promovida pelos novos meios de produção e reprodução, Arlt responde a essa nova distribuição cultural com o próprio ingresso ao circuito mais aberto e em expansão da imprensa jornalística e do mercado editorial. Por exemplo, alguns de seus textos participam do projeto de “democratização” do acesso aos bens culturais da editorial Claridad que no

que se refere ao literário, o fragmentarismo e heterogeneidade da editorial refletirá também, e sobretudo, uma forma particular de questionamento do academicismo e da “alta” cultura na medida em que sua(s) linha(s) editorial(ais) significa(m) tanto uma reform(ul)a(ção) do cânon como a reivindicação do acesso dos setores populares a esses bens culturais (GELADO, 2006, p. 202)

Saítta descreve a formação cultural de Arlt como resultado “de la sociedad barrial” na qual se firmam “modos regulares de interacción”, normas e associações culturais e se consolidam “tanto las formas de la identidad barrial como también las elites barriales” (SAÍTTA, 1995, p. 19). A possibilidade de um ofício de escritor para os setores médios é reveladora de um processo mais amplo de legitimidade institucional alcançada pelos grupos imigratórios que, somado ao alto grau de alfabetização do início do século, abre caminhos para novos sujeitos literários à medida que a figura do literato, por sua vez, está sofrendo um processo de profissionalização.

No ambiente suburbano de Buenos Aires, precisamente o bairro San José de Flores, Arlt cria vínculos que o levam à tão almejada profissão de escritor. Os anos de formação e aprendizado do escritor podem ser reconstituídos através dos fatos registrados em suas crônicas. É o que faz Saítta na biografia do autor: utiliza as crônicas como testemunho da própria vida do escritor para desenhar, por exemplo, a

mítica imagem desse sujeito que aos oito anos já escrevia seu primeiro conto "para vendêrselo" (SAÍTTA, 1995, p. 17). Enfim, esses dados da vida de um autor de literatura filho de imigrantes revelam a experiência jornalística interpretada a partir da incipiente profissionalização do escritor.

O ofício de cronista em um jornal como *El Mundo*, de tamanho menor (tabloide), de fácil manuseio em transporte público, com pretensões modernas, quer dizer, mais voltado a temas do cotidiano e por isso mais heterogêneo nos discursos, confere a Arlt um lugar privilegiado para a observação da cidade e de seus habitantes, ao mesmo tempo que lhe permite uma interação com um público leitor ainda em formação. Sobre a função de cronista Saítta afirma:

De este modo, Arlt encontró un tono – plebeyo y socarrón – y una mirada – premonitoria y seductora – con los cuales reflexionar críticamente sobre su presente, y supo convertirse en el testigo de una ciudad en constante cambio, a cuyos habitantes muchas veces reflejó bajo la lente de un espejo deformante para que logaran verse mejor. (SAÍTTA, “En busca de las pistas falsas”, 2000).

Para esse trabalho de pesquisa em desenvolvimento, selecionamos alguns textos da série de crônicas intitulada *Aguafuertes porteñas*, publicadas quase que diariamente pelo tabloide argentino, desde maio de 1928, e um livro de contos publicado em 1933. Nesse espaço do jornal, o escritor ocupa um novo lugar de enunciação (a crônica moderna), mescla os gêneros literários, e, de certa forma, adquire certa legitimidade como sujeito literário. Sobre essa nova forma textual Sarlo diz:

(...) productores y organizadores culturales pertenecientes al sector letrado (...), y en algunos casos a las élites comunicacionales, tuvieron un registro sensibilizado de lo que sucedía en ese espacio menos accesible y, sin duda, menos transparente que acostumbramos llamar ‘lo popular’.

Ese es el caso de Roberto Arlt y, junto con él, de quienes formaron parte de la élite periodística de los grandes diarios modernos que definen una nueva forma textual y nuevos procesos de enunciación y procesamiento de la noticia” (SARLO, 1992, p. 13).

Pelo nome dado à série de crônicas vemos uma identificação do escritor, por um lado, com a cultura popular, fazendo referência aos trabalhos de gravuras em metal estilo água-forte realizados por artistas do povo, como os casos de Adolfo Bellocq e Facio Hebequer¹, e por outro lado, com as gravuras grotescas da artista espanhol Francisco de Goya. Alvaro Abos fala da distinção da técnica de gravura água-forte e da sua apropriação na crônica arltiana:

El aguafuerte es una técnica del grabado en metal que consiste en dibujar sobre una capa de barniz que recubre la plancha y luego corroer la incisión con un ácido que penetra – que “ataca” según el léxico de uso corriente en la artes gráficas – el material, confiriendo al motivo una condensación dramática que distingue al aguafuerte de otras técnicas como el grabado en madera o xilografía. El aguafuerte literario, en la intransferible manera en que Arlt lo practicó, imprimiéndole su sello, indentificándolo con la urbe porteña, destaca unos pocos rasgos que, al ficcionalizar el tema o los tipos descriptos, aboceta para sintetizar y sacudir al lector. (ABOS, Alvaro. *Vínculos de Arlt con el pinto. El amigo uruguayo*. “Cultura y Nación”. CLARÍN. 2000).

Há uma concomitância temporal e espacial na produção de algumas crônicas e os contos do livro *El jorobadito*. No ano de 1928, Roberto Arlt é contratado como cronista pelo tabloide *El Mundo*, e os contos “El insolente Jorobadito” e “Pequeños propietarios” são publicados nas páginas de cultura do mesmo jornal, assim como o conto “Ester primavera” é publicado no suplemento cultural do jornal *La Nación*, no mesmo ano. Cinco anos depois, o livro de contos *El Jorobadito* (1933) é publica-

1 “O motivo do exhomem era uma constante nas artes plásticas produzidas na capital portenha por volta de 1920, em particular nas obras dos *Artistas del Pueblo*, como Adolfo Bellocq, que exhibe na *Asociación Amigos del Arlt*, em 1927, gravuras de indigentes, maltrapilhos e malandros. Uma das séries mais difundidas na época talvez seja a de Facio Hebequer, da qual Arlt fala em uma de suas crônicas (“Los atorrantes de Facio Hebequer”, *El Mundo*, 01/06/1931), estupefato com a “coleção de esboços de vagabundos” que este água-fortista conseguiu reunir” (FRENKEL, 2015, p. 17).

do, contendo nove contos, são “Escritor fracasado”, “Ester primavera”, “La luna roja”, “Pequeños propietarios”, “El Jorobadito”, “Las fieras”, “Una tarde de domingo”, “El traje del fantasma” e “Noche terrible”.

Mirta Arlt y Omar Borré (1984) classificam os relatos do livro de contos em três grupos: um primeiro grupo onde há uma relação mais direta entre as “Aguafuertes porteñas” e os contos, podendo ser representado pelo par crônica “Filosofía del hombre que necesita ladrillos” e conto “Pequeños propietarios”. Um segundo grupo cuja temática é a relação de repúdio e atração do sujeito social com o casamento, representado pelos contos “Ester primavera”, “El jorobadito”, “Noche terrible” e “Una tarde de domingo”, que, por sua vez, têm relação com as crônicas “Diálogo de lechería”, “Atenti, nena, que el tiempo pasa” e “Del que no se casa”. E um terceiro grupo composto pelos contos de traços mais fantásticos, são os contos “La luna roja” e “El traje del fantasma”.

Essa classificação dos contos é uma das primeiras tentativas de aproximar texto jornalístico e literário na obra de Roberto Arlt, o que chama a atenção da crítica para a produção das formas breves do autor. Pretendemos seguir com essa proposta de análise da obra arltiana propondo, no entanto, outro ordenamento dos textos, segundo suas diferentes vozes narrativas. Pensamos haver uma distinção entre alguns contos do *El jorobadito* que coloca, de um lado, uma voz que relata sua própria experiência em formato de confissão, precedida por um desejo utópico de fuga da condição na qual se encontra, quer dizer, um desejo frustrado que acaba revelando o lugar marginalizado do narrador. E de outro lado, uma voz distanciada que relata a destruição moral e/ou material da cidade em formato de presságio. Por sua vez, na crônica podemos identificar ambos os olhares, de denúncia e de encenação da destruição, porém enunciados de outra forma, na retórica do novo jornalismo. Assim, por diferentes enunciações e transitando entre os gêneros, poderemos

identificar como são representadas determinadas relações na cidade: de trabalho, amorosas e dos sujeitos sociais com os novos aparatos tecnológicos.

Apresentamos aqui um exemplo de uma possível inter-relação entre texto jornalístico e literário com o par crônica “¿Para qué sirve el progreso?” e conto “Noche terrible”, quando ambos os textos descrevem a capital argentina:

Cronista: “Es maravilloso. Nos levantamos a la mañana, nos metemos en un coche que corre en un subterráneo; salimos después de viajar entre luz eléctrica; respiramos dos minutos el aire de la calle en la superficie, nos metemos en un subsuelo o en una oficina a trabajar con luz artificial. A mediodía salimos, prensados, entre luces eléctricas, comemos con menos tiempo que un soldado en época de maniobras, nos enfundamos nuevamente en un subterráneo, entramos a la oficina a trabajar con la luz artificial, salimos y es de noche, viajamos entre luz eléctrica (...)” (Aguafuerte “¿Para qué sirve el progreso?”, de Roberto Arlt, publicada en El Mundo).

Narrador: “Ricardo Stepens no olvidará jamás esta noche, decorada en la altura por contramarcos de gases fosforescentes y locomotoras de lámparas eléctricas que ponen agujeros negros o soles violetas entre las constelaciones rosas de otros letreros luminosos que antorchan permanentemente las crestas de la ciudad capitalista con sus estructuras de castillos de hadas.” (ARLT, 2006, p. 2013).

O relato da crônica serviria para representar a rotina de trabalho em qualquer espaço urbano moderno, controlada pelo ritmo de escritórios e dos transportes públicos. A forma como o texto se apresenta, marcando hiperbolicamente a presença do elemento “luz artificial”, a fugacidade do tempo e o escasso contato com a natureza, “respiramos dos minutos el aire de la calle en la superficie”, indica uma visão irônica sobre a rotina na urbe e aponta um estilo peculiar na escrita, “comemos con menos tiempo que un soldado en época de maniobras”, não só pela ironia, mas também pelo uso de um vocabulário oriundo do universo da guerra e metáforas que

marcam por repetição o tom do texto, neste caso, a luz elétrica e artificial está onipresente como um sol no dia a dia dos habitantes desta cidade imaginada².

Já no conto há uma descrição do espaço urbano que deixa em evidência as luzes artificiais da cidade. No trecho destacado, o narrador descreve a noite da cidade chamando a atenção para os focos de luz elétrica, de “letreros luminosos”, “contramarcos” e “lámparas” a decorar a urbe, que, de forma irônica, é chamada de cidade capitalista, fazendo referência às ostentadoras estruturas “de castillos de hadas”. Esta forma de narrar pode dialogar com o estilo usado nas estratégias formais da crônica, com relação ao tom irônico e a preponderância do elemento luz elétrica. Rose Corral ressalta o alcance descritivo das crônicas de Arlt:

Arlt trasciende siempre el mero valor informativo de la noticia y busca desenrañar los entretelones de la misma, las motivaciones ocultas que persiguen los actores. Tal vez uno de los rasgos más notorios de estas crónicas es la seductora composición de lugar con la que inicia muchas de sus notas (...) (CORRAL, “Roberto Arlt”, 2000).

Julio Ramos trata da relação de dependência entre literatura e jornal no advento da modernidade, quando “a crônica, nesse sentido, será um lugar privilegiado para precisar o problema da heterogeneidade do sujeito literário” (RAMOS, 2008, p. 98). Levando em conta esse novo lugar do fazer artístico e o exercício de uma escrita literária no espaço da crônica jornalística, na tentativa de representar a dinâmica de vida na Buenos Aires em transformação, pretendemos analisar ao longo do trabalho de pesquisa como se desenvolve esse discurso literário através de uma escrita híbrida e flexível que é a crônica moderna e como se dá a relação desta com o conto.

2 Afirma Sarlo que a hipérbole “es una señal de clase en la literatura de Arlt. Es la marca del escritor pobre.” (“Un extremista de la literatura”. Suplemento de cultura do *Clarín*, de abril de 2000).

De todo modo, vimos que Arlt aproxima jornalismo e literatura, exercitando, nesse sentido, um estilo novo, que Ramos já aponta no estudo da crônica modernista latino-americana como parte do processo de profissionalização do escritor que “reconhece no mercado não apenas um meio de subsistência, mas a possibilidade de fundar um novo lugar de enunciação” (RAMOS, 2008, p. 101). Então, seguimos o trabalho indagando se a inter-relação crônica e conto em Arlt é também uma estratégia de construção das personagens que habitarão os contos e de formação de um público leitor que podendo se identificar com os estereótipos descritos nas crônicas se converterá também em leitor dos contos. É inegável que as pioneiras crônicas modernistas “abrieron una brecha clave en el esquema de producción y recepción” de literatura na América Latina, permitindo aos escritores vanguardistas uma ruptura epistemológica, que por sua vez gera “la capacidad de percibir otras versiones de la realidad” (ROTKER, 2005, p. 227).

Bibliografia

ARLT, Roberto. **Arlt fundamental**. 1ª ed. – Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2010.

_____. **El Jorobadito y otros cuentos**. 1ª.ed. Buenos Aires. Editorial Losada, S.A., 2006.

GELADO, Viviana. **Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2006.

LANCELOTTI, Mario. **De Poe a Kafka. Para una teoría del cuento**. Buenos Aires: EUDEBA, 1968.

MORSE, Richard e HARDOY, Jorge Henrique, **Cultura urbana latino-americana**, Buenos Aires, 1985.

RAMOS, Julio, **Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19**. Trad. Rômulo Monte Alto, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ROMERO, José Luis, **América Latina: as cidades e as idéias**. Trad. Bella Josef. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

ROTKER, Susana. **La invención de la crónica**. México: FCE, Fundación para un Nuevo Periodismo Iberoamericano, 2005.

SAÍTTA, Sylvia. **El escritor en el bosque de ladrillos. Una biografía de Roberto Arlt**, Buenos Aires, editorial DEBOLSILLO, 2007.

SARLO, Beatriz, **Una modernidad periférica**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1988.

_____, **La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina**, Nueva Visión, Buenos Aires, 1997.

